

A SAÚDE MENTAL, PSICANÁLISE E SUA ÉPOCA: LIMITES E EXPECTATIVAS

Mental health, psychoanalysis, and its time: limits and expectations

Rossano Lopes Bastos¹

RESUMO

O trabalho se inscreve na perspectiva de um olhar para a saúde mental, e a psicanálise enquanto instrumento de cura e escuta do outro. O lugar de indagação aqui procura explorar limites e expectativas sobre esta categoria de enfrentamento, que se chama de psicanálise e o quanto ela escuta, como escuta e a quem escuta como um dispositivo de cura. Para a problematização agregamos os estudos sobre o sujeito subalterno, e a possibilidade de ele ser ouvido ou não neste contexto da psicanálise e como esta perspectiva conversa com as teorias oriundas do campo psicanalítico.

Introdução

Na psicanálise pode haver uma fratura por onde a escuta de corpos racializados e subalternos possa ser realmente ouvida sem o viés? Quem fala e quem ouve? Pode um subalterno falar? Pode um corpo racializado falar? A indagação vai além de falar, mas de ser ouvido realmente na sua singularidade.

Na psicanálise, a pergunta "pode um subalterno falar?" é complexa e exige a consideração de como o poder e o silêncio se manifestam na clínica, indo além da interpretação literal da fala. Embora todos os sujeitos sejam capazes de falar, a questão central reside nas condições de escuta, representação e subversão do discurso hegemônico.

As considerações psicanalíticas sobre esse tema dialogam com a teoria da crítica cultural e dos estudos pós-coloniais, especialmente o trabalho "Pode um subalterno falar?" de Gayatri Spivak (2010), que argumentou que o

¹ Arqueólogo. Membro da Rede de Arqueologia Negra. Diretor do Ateliê: Cultura, Saúde e Educação. Assessoria e Consultoria em Patrimônio Cultural e Arqueologia. Livre Docente em Arqueologia Brasileira MAE/USP. Contato: rossanolopes@gmail.com

subalterno, em sua forma mais pura, não pode ser ouvido ou representado em um discurso que não é o seu.

O subalterno e a estrutura do sujeito na psicanálise

A psicanálise, especialmente a partir de Lacan(1953), traz ferramentas para refletir sobre a fala do subalterno, não apenas como uma questão social, mas como parte da própria constituição do sujeito:

O inconsciente estruturado como linguagem: Lacan postula que o inconsciente é estruturado como linguagem, ou seja, as palavras e seus significados moldam a experiência psíquica. A fala, portanto, não é um simples ato de comunicação, mas um campo onde o sujeito se constrói e, ao mesmo tempo, é construído pelos significantes que o precedem. O subalterno é, em certa medida, falado pelos significantes da cultura dominante, que podem silenciá-lo ou distorcer sua narrativa. Como a clínica psicanalítica tem elaborado este lugar de além de escutar, como escutar, dar voz aos subalternos e aos corpos racializados?

A subversão do sujeito: Para Lacan, o sujeito é dividido e atravessado por processos inconscientes. A psicanálise, ao focar na livre associação e na fala, busca a subversão da estrutura que o aprisiona, permitindo que a singularidade do sujeito emergja. Nesse sentido, a clínica pode ser um espaço para a subversão da subalternidade, ou seja, para que o sujeito encontre uma voz que não esteja inteiramente cooptada pelo discurso dominante. Agora como operar e identificar essa fratura que possibilita a subversão da subalternidade e ir além garantindo a escuta emancipatória dos corpos racializados.

Silêncio como resistência e sintoma: O silêncio do analisando, explorado por Freud², é um fenômeno complexo. Pode ser uma resistência inconsciente a falar de algo doloroso, mas, no contexto do subalterno, pode ser também um reflexo do silenciamento social. A clínica psicanalítica pode interpretar esse silêncio não apenas como um sintoma individual, mas como

² LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-536.

um eco da violência epistêmica sofrida pelo sujeito em sua trajetória e de alguma forma pode abrir uma possibilidade de escuta emancipatória, especialmente na clínica pública que tem ganhado espaço apesar das resistências. Aqui vale a pena citar algumas iniciativas como; psicanálise na favela, psicanálise nas margens, psicanálise na Praça.

Aqui cabe identificar a partir de Emiliano David (2023): que a noção de universalidade a partir da experiência particular da história europeia, (inclusive o saber psicanalítico) e realizar a leitura da totalidade do tempo e do espaço da experiência humana que do ponto de vista desta particularidade, instituiu-se uma universalidade radicalmente excludente. Dentro deste paradigma é que o subalterno e tantos outros como os povos ditos originários, os negros se enquadram.

O silenciamento e o papel do analista

O silenciamento do subalterno coloca em xeque a própria noção de escuta na psicanálise:

Escuta não-etnocêntrica: A crítica de Spivak aos intelectuais ocidentais pode ser estendida aos analistas, que devem estar atentos para não impor categorias e interpretações culturalmente enviesadas. É necessário reconhecer a ideologia da qual o próprio analista é parte para que uma escuta verdadeiramente "tradutória" seja possível. Desta forma, é fundamental que o analista compreenda o lugar que se ocupa socialmente dentro da sociedade, para além das suas preferências teóricas e metodológicas.

Lugar de fala e representação: A fala do subalterno não é simplesmente um testemunho, mas um ato que busca representação. Na clínica, o analista deve se abster de falar "pelo" subalterno, respeitando o protagonismo do analisando em sua própria história. Isso exige do analista um trabalho constante de autocrítica para não replicar a violência epistêmica que silencia o sujeito.

A ética da psicanálise: A ética do cuidado em psicanálise pode ir na contramão da normalização. Ao invés de impor um modelo, a psicanálise busca a singularidade do sujeito, abrindo espaço para a experimentação de novas formas de existência. É nesse sentido que a psicanálise pode ser uma ferramenta para o subalterno encontrar sua própria voz e construir um discurso que não esteja limitado pelas estruturas de poder dominantes.

Entretanto, para isso é necessário estar absolutamente aberto à experiência do inédito, numa clínica que escuta e aprende a partir dessa escuta, que pode nos mostrar numa diferença que nos humaniza e reconhece e não numa prática que nos afasta e tende a homogeneizar em diagnósticos.

Referências:

DAVID, Emiliano de Camargo. *Aquilombamento da saúde mental: cuidado antirracista na atenção psicossocial infantojuvenil*. São Paulo: **Hucitec**, 2023.

Lacan, Jaques **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953)**: Também conhecido como "Discurso de Roma".

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode um subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: *Editora UFMG*, 2010